

CUM SANGUINE VESPERTILIONIS: ANÁLISE DOS ELEMENTOS SIMBÓLICOS PRESENTES EM DOIS CONJUIROS NECROMÂNTIVOS DO SÉCULO XV

Jayme Rodrigues Krum¹

RESUMO

Uma das práticas mágicas utilizadas por membros do meio eclesiástico foi a necromancia, esta arte consistia no contato entre o conjurador com Entidades em busca de resoluções para seus pedidos. No período medieval, tais atos possuíam uma variada gama de elementos simbólicos presentes no que chamamos de Imaginário, cujo discurso está vívido e presente no cotidiano. O manual necromântico BSB Clm 849, datado do século XV e encontrado na região da Baviera, é uma fonte que retrata o modo de se fazer alguns destes conjuros. Buscamos compreender como estes elementos simbólicos estão colocados dentro da execução dos conjuros de nº 17 e 43, respectivamente, “Como invocar um Cavalo a partir de Sangue de Morcego I” e “Como invocar um Cavalo a partir de Sangue de Morcego II”, analisando a prática necromântica como exemplo claro dos conceitos de Práticas e Representações, trazidas pela História Cultural. Sendo assim, propomo-nos a divulgar nossas análises e levantamentos de hipóteses acerca destes dois semelhantes conjuros presentes no BSB Clm 849.

Palavras-Chave: Necromancia; BSB Clm 849; História Cultural; Imaginário Medieval; Século XV.

ABSTRACT

One of the magical practices used by members of the ecclesiastic culture was the necromancy, this art consists in the contact between the conjurer with Entities in search of his asks by resolutions. In the medieval period, those acts had lots of symbolic elements presents in, what we call, Imaginary, which discourse was vivid and present in the daily life. The necromancer manual BSB Clm 849, dated from the 15th century and found at

¹ Graduando em História - Licenciatura e Bacharelado na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Participa do grupo de Traduções Latinas e do grupo de pesquisas Virtù, de História Medieval e História do Renascimento, onde realiza pesquisa intitulada de “Em Nome de Deus eu invoco estes Demônios: Necromancia, Igreja e Sociedade na Baviera do século XV”, vinculada ao projeto de pesquisa “Poder, imaginário, cultura e religiosidades no Medievo e no Renascimento”. Email: jayme.krum@hotmail.com

the Bavaria region, is a source that portrays the way you can do some of these conjures. We look to understand how those symbolic elements are in the execution of the conjure number 17 and 43, respectively, “How to invoke a Horse by Bat blood I” and “How to invoke a Horse by Bat blood II”, analyzing the necromancy practice like an clear example of the concepts from Practice and Representation, brought by the Cultural History. Therefore, we propose to spread our analyses and hypothesis lifting of those two similar conjures present in the BSB Clm 849.

Keywords: Necromancy; BSB Clm 849; Cultural History; Medieval Imaginary; 15th Century.

Submetido em: 13/03

Aceito em: 19/03

Introdução

O presente trabalho é um dos resultados da pesquisa intitulada “Em Nome de Deus eu invoco estes Demônios: Necromancia, Igreja e Sociedade na Baviera do século XV”, parte do Projeto Guarda-Chuva “Poder, imaginário, cultura e religiosidades no Medievo e no Renascimento.”, cujo coordenador é o professor doutor Francisco de Paula Sousa Mendonça Júnior, em que exploramos o manuscrito BSB Clm 849, posteriormente descrito, a fim de compreendermos o papel da necromancia dentro do meio eclesiástico germânico do século XV.

Nosso objetivo aqui é de apresentar nossas análises sobre alguns elementos simbólicos, presentes em dois conjuros semelhantes, encontrados no manual necromântico. Visamos compreender a relação entre os símbolos e a execução da prática mágica, a fim de entender este universo marginalizando, ou não, da necromancia praticada por clérigos medievais. Ademais pretendemos apresentar algumas hipóteses e conclusões a que chegamos, ao longo da pesquisa, acerca destes conjuros.

Trabalhar com elementos mágico-culturais presentes através da história é uma tarefa que se auto-justifica, explicamos: compreendendo que toda produção cultural (um livro, uma canção, um artefato, etc) é resultado do meio em que foi produzido, podemos entender que tais frutos, desta forma, são fontes sobre estas sociedades.

A necromancia medieval, posteriormente explicada, é um destes frutos, no caso, do universo eclesiástico. Seu estudo nos leva até a compreensão de que os elementos simbólico-esotéricos presentes neste tipo documental, possuem um caráter intercultural no meio medieval, sendo presentes tais elementos em inúmeros tomos e livros europeus, árabes e de cunho hebraico.

Este trabalho consiste na análise interna desta fonte, compreendendo que cada um dos conjuros é um universo dentro de si e que, de alguma forma, se relaciona com os outros. Desta forma compreenderemos estes elementos a partir dos conhecimentos trazidos pela História Cultural, sobretudo sobre práticas e representações, aliando-a com um banco de dados, criado para esta pesquisa, chamado BEP-849 (Banco de dados sobre entidades e práticas necromânticas presentes no manuscrito BSB Clm 849).

Este trabalho está dividido em quatro partes: a primeira, a “Introdução”, onde já especificamos com o que estamos trabalhando e como; a segunda, “O Manual BSB Clm 849 e a necromancia medieval”, onde trataremos os conceitos com que trabalhamos e

como eles aparecem nas fontes; a terceira, “Os Conjuros 17 e 43”, onde dissertaremos sobre nossas análises, além de apresentar as fontes propriamente ditas; E por último, a quarta, “Considerações Finais”, onde relataremos nossos resultados, hipóteses e conclusões sobre esta parte da pesquisa.

O Manual BSB Clm 849 e a necromancia medieval

O mundo mágico medieval não se limita apenas aos olhares feitos pelos clérigos em seu mundo eclesiástico, mas sim a um enorme número de práticas que transcendem o mundo cotidiano dos senhores, camponeses e religiões. Muitos clérigos medievais possuíam o interesse de compreender e classificar estes tipos de magia, a partir de suas visões, exemplos deles são Tomás de Aquino, Roger Bacon e Alberto Magno, segundo Claire Fanger (2006), tais intelectuais reconheciam e classificavam a magia em dois tipos, a Magia Natural e a Demonomagia.

A classificação da necromancia como Magia Natural ou Demonomagia é conturbada, isto se deve à pouca produção e discussão sobre esta prática na historiografia, a que tivemos acesso, deste modo nos focaremos no momento em discutir as sobre as diferenças entre estes tipos de magia e qual seria, ao nosso ver, a classificação mais adequada para a necromancia medieval.

Para Richard Kieckhefer (1997) a magia natural se definiria como a ciência que tratava das “artes ocultas”, isto é os poderes secretos nos limites da natureza - dentro do reino de Deus. Este tipo de magia estava ligado a características advindas de fontes supernaturais tais como poderes concedidos por Entidades e as propriedades secretas dos elementos (água, fogo, terra, ar), em resumo, tudo aquilo que não está ligado diretamente aos aspectos diretos da Divindade. Já a Demonomagia não seria diferente da religião, contudo uma perversão da mesma, e o praticante dela estaria buscando nos demônios resoluções para os problemas humanos.

“A polêmica sobre a verdadeira magia, ou magia natural, contra a magia cerimonial, é a defesa da obra que se serve da ordem dada para a converter numa escala ascendente, contra a obra que desce em direcção ao abismo do pecaminoso e do informe” (GARIN, 1994, p.136-137)

Eugenio Garin, ao colocar tal diferença de uma forma diferente, dialoga em partes com Kieckhefer, contudo seu olhar para a magia de forma vetorial, coloca,

necessariamente, ela em um universo dualista, onde as fontes destes poderes estariam em duas figuras Deus e o Diabo. Em contrapartida László Chardonnens (2015) coloca a demonomagia não como algo à parte da magia natural, mas sim parte dos aspectos da magia natural e que pode ser utilizada em conjunto com a magia natural para os fins desejados pelo usuário de magia.

Em nossas análises tendemos a estudar a prática necromântica no mundo medieval conforme Chardonnens, contudo não como um aspecto dissidente da Magia Natural e que possa ser utilizada em conjunto da mesma, mas sim, a vemos, como um dos muitos ramos da Magia Natural, vide que, no contexto medieval, tudo fazia parte do reino do Senhor, os seres supernaturais inclusos.

Na cosmovisão cristã medieval, o único ser que está acima da natureza terrena é Deus, desta forma os seres que possuem poderes que são sobre-humanos são definidos como supernaturais, isto é, acima da humanidade, mas necessariamente abaixo de Deus. A necromancia se pautará justamente nestes seres, que preferimos, para nossas pesquisas, intitular de Entidades, esta definição se deve pelo fato de os necromantes não entrarem em contato, apenas, com seres “comuns” do imaginário cristão, como os demônios e os anjos, mas também com seres externos a este meio, como os anjos cabalísticos e *Djinns*. A forma com que o Necromante se utiliza destas Entidades, difere-se do que costumeiramente imaginamos devido a cultura pop e afins², o praticante deve ser, necessariamente, um membro do corpo eclesiástico - segundo Kieckhefer (1997) geralmente homens (apesar do autor não enumerar uma praticante feminina) - e possuir tanto o conhecimento da liturgia, quanto da necromancia. Ao trabalhar com as Entidades faz-se necessário, geralmente, evocar a entidade superior cristã para proteção do conjurador, e da ordenação obrigatória dos seres envolvidos. Geralmente encontramos no BSB algumas expressões que demonstram esta necessidade da evocação do nome de Deus, ou de seus epítetos, no conjuro de número 17, o qual em breve analisaremos, possui a expressão “Invoco-te bom cavalo, pelo criador do céu e da terra”.³

A necromancia, desse modo, era uma prática mágica eclesiástica de cunho erudito, isto é, se fazia necessário uma série de conhecimentos prévios para se conseguir o resultado esperado da magia. Podemos ver isto, por exemplo, no documento BSB Clm

² Jogos de RPG como *Dungeons & Dragons* e *The Elder Scrolls*, Filmes como *Morte Negra* (2010) e *Häxan: A feitiçaria através dos tempos* (1922) e Livros como *O Senhor dos Anéis* (1954) e *O Hobbit* (1937).

³ “Coniuro te equo bone per creatorem celi et terre.”

849 - nos conjuros que analisaremos no presente trabalho - onde para se executar o conjuro se faz necessário que o praticante possua o conhecimento tanto da magia judaica quanto da cabala cristã. Isto não nos mostra, apenas, que o praticante deva entender esse mundo mágico-religioso, mas também ser dotado do conhecimento da língua hebraica e do latim.

Conforme Roger Chartier (2002) todas as práticas culturais se mostram como conjuntos mistos que possuem origens muito diversas. Em nossas análises a necromancia presente no manuscrito BSB Clm 849 se encaixa como uma destas práticas e, os elementos contidos no mesmo, são um reflexo das práticas e representações⁴ do meio eclesiástico germânico medieval. Podemos entender que estas representações estão diretamente relacionadas aos elementos simbólicos presentes nos conjuros. Compreendemos que estes símbolos não são uma ferramenta de um “funcionalismo cultural” que reduz o símbolo de uma forma construtiva, ou seja, que ele representa determinado conceito e ponto. Segundo José D’Assunção Barros (2005), alguns símbolos podem ser polivalentes⁵ e, desta forma, as representações intrínsecas no símbolo são mutáveis dependendo de seu meio. Para Juan-Eduardo Cirlot (2005) o valor simbólico, no âmbito religioso-cultural, os fundamenta e intensifica. A necromancia, como vemos, se trata justamente destas afirmações, sendo cada conjuro, e seus elementos, um revérbero do seu meio.

Para estas análises e futuras, criamos um banco de dados na plataforma *Access* o qual batizamos de BEP-849⁶, esta ferramenta metodológica nos serve para catalogar e estudar separadamente, ou em conjunto, os vários conjuros presentes no BSB Clm 849. Procura-se, também, que este instrumento se torne uma base para os futuros estudos sobre necromancia, e documentos semelhantes, a fim de podermos constatar algumas regionalizações e transculturalidades entre os documentos.

O instrumento consiste em separar os conjuros em categorias, isto é, conceitos que possam agrupá-los sob uma ideia comum, nesta pesquisa intitulamos dez categorias: Saúde, Conhecimento, Social, Maldições, Pessoal, Materiais, Invocações, Magias,

⁴ As Práticas e Representações são, segundo Chartier (2002), um conjunto de fatores culturais que compõem o discurso de uma determinada cultura em um determinado tempo, isto é, algo mutável que naturalmente se transforma e reinterpreta-se ao longo das gerações subsequentes à “original” - sendo até esta origem parte deste complexo emaranhado de conceitos e contextos.

⁵ Para Barros (2005), um mesmo símbolo pode possuir diversos significados, sejam dentro da própria cultura criadora ou a transformação dele nas diversas culturas e períodos.

⁶ Banco de dados sobre entidades e práticas necromânticas presentes no manuscrito BSB Clm 849

Fragmentos e Outros. Neste trabalho trataremos de dois conjuros presentes na categoria de “Materiais”, que consiste na conjuração de seres, ou objetos, para o mundo terreno, no caso, cavalos. As demais características do BEP-849 serão detalhadas ao longo da terceira parte, do presente trabalho, “Os Conjuros 17 e 43”.

Os Conjuros 17 e 43

O manuscrito BSB Clm 849 possui uma grande gama de conjuros necromânticos em suas mais de 100 laudas. Conforme dito anteriormente buscamos, com a finalidade de organização das análises, separar estes conjuros em categorias. Há algum tempo estamos trabalhando com alguns conjuros pertencentes à categoria de Materiais, mais especificamente os quatro conjuros que possuem como resultado a invocação de um cavalo (duas dessas conjurações possuem como característica comum a utilização de sangue de morcego⁷ para a sua execução) e são eles o conjuro de número 17⁸, batizado de “Como invocar um Cavalo a partir de Sangue de Morcego I” e o conjuro de número 43⁹, denominado “Como invocar um Cavalo a partir de Sangue de Morcego II”.

Estas numerações foram feitas pelo historiador Richard Kieckhefer¹⁰, contudo os títulos dados aos conjuros não fizeram, ao nosso ver, sentido quanto a diferenciação de cada conjuro, por exemplo: Como dito anteriormente existem quatro conjuros que possuem como resultado a conjuração de um cavalo, em nossas pesquisas denominamos cada um com um nome que individualiza a prática. Para Kieckhefer (1997) todos possuem o mesmo nome ‘Como invocar um cavalo’¹¹, o autor possuía outro objetivo, conforme nossa leitura, quando analisou o manuscrito BSB Clm 849 e dessa forma acreditamos que a nomeação utilizada pelo autor serviu aos fins deste, contudo para esta pesquisa observamos essa necessidade de individualizar os conjuros do nosso modo.

⁷ *sanguine vespertilionis*

⁸ <http://daten.digital>-

[sammlungen.de/~db/0003/bsb00037155/images/index.html?id=00037155&groesser=&fip=193.174.98.30&no=&seite=71](http://daten.digital-sammlungen.de/~db/0003/bsb00037155/images/index.html?id=00037155&groesser=&fip=193.174.98.30&no=&seite=71) Acessado em 07/2018.

⁹ <http://daten.digital>-

[sammlungen.de/~db/0003/bsb00037155/images/index.html?id=00037155&groesser=&fip=193.174.98.30&no=&seite=215](http://daten.digital-sammlungen.de/~db/0003/bsb00037155/images/index.html?id=00037155&groesser=&fip=193.174.98.30&no=&seite=215) Acessado em 07/2018.

¹⁰Richard Kieckhefer (1941 -) é um medievalista estadunidense que debruçou-se em analisar, principalmente, a magia no meio medieval. A principal obra que influencia esta pesquisa é o seu livro *Forbidden Rites* em que o autor faz uma breve análise e transcrição do manuscrito BSB Clm 849.

¹¹ “*How to obtain a horse*” tradução nossa.

Com fins de dinamização, e melhor compreensão de nossas análises, segue um breve resumo dos conjuros de número 17:

Para se ter um cavalo, o conjurador deve escrever na porta de uma casa vazia, durante o crepúsculo, seis nomes em hebraico utilizando sangue de morcego, estes nomes são: Tuditha, Stelpha, Alpha, Draco, Mariodo e Ypation. Após isto escrito o conjurador deve se retirar do recinto tranquilamente. Depois da madrugada, o clérigo deve voltar à casa e lá encontrará um cavalo parado, quando o mesmo desejar montá-lo deve colocar o pé esquerdo no estribo declamando a seguinte conjuração: "Invoco-te bom cavalo, pelo criador do céu e da terra, e por aquele que criou o universo e todas as coisas, para o louvor e glória do seu nome, e pelo deus vivo, e pelo deus verdadeiro. Para que não possas danificar nenhuma parte minha, nem no corpo nem na alma e para que não perturbes em nada, mas me aceite em tal lugar tranquilamente, sorridentemente, alegremente e rapidamente, sem qualquer impedimento.". Em seguida o conjurador deve montar o cavalo corajosamente, pois só assim ninguém irá prejudicá-lo, e sem fazer o sinal da Cruz, pois se o fizer, o cavalo se espantará. Ao chegar no local que deseja, o conjurador precisa descer do cavalo e colocar o freio deste embaixo da terra, isto feito o clérigo receberá o freio e o chicote, quando quiser voltar a montar, antes, o conjurador deve dizer três palavras: "Rastelya elogo yetas" e assim poderá voltar a montar.

O conjuro número 43 é extremamente semelhante ao anterior, existindo apenas a alteração gráfica dos nomes escritos com sangue de morcego e das três palavras finais que o conjurador deve exclamar para retornar ao cavalo, então, por que diferenciar os conjuros se são basicamente o mesmo? Retornaremos a esta pergunta na última parte "Considerações Finais".

A invocação de um cavalo, ao nosso ver, por si só, não possui um referencial simbólico dentro do contexto eclesiástico germânico, o que nos leva a crer, que quem tiver escrito o BSB Clm 849, possuía a necessidade, ou não, de conseguir uma montaria rapidamente, o fato de ter-se que invocá-la nos instiga a pensar em possibilidades que só serão respondidas com uma análise mais profunda da sociedade da região da Baviera do século XV, uma destas possibilidades poderia ser a escassez desses animais em determinado período, ou de que ninguém poderia saber que o clérigo se deslocaria a algum lugar.

Em nossas análises, compreendendo que o conjuro 17 e 43 possuem o mesmo nicho simbólico-cultural, o necromante nos é mostrado como um eclesiástico que possui o conhecimento cabalístico de discernir e identificar os nomes em hebraico dos seres mencionados - Draco por exemplo - isto nos faz retomar a ideia da necromancia como uma prática mágica erudita. Os nomes destas entidades nos são estranhas até o momento. Compreendemos que Draco pode, muito provavelmente, ser um dos muitos nomes do Anjo Caído, contudo para termos certeza de quem eles são precisamos investigar mais a fundo.

Os elementos simbólicos pertencentes ao Morcego são diversos , para Cirlot (2005) este animal se assemelha a figura do Dragão, no que diz respeito a sua sexualidade, no caso, hermafrodita, tida como a existência de características femininas e masculinas no mesmo ser. Este caráter dual do animal estaria também ligado, simbolicamente, ao período em que deve ser feito o conjuro, no caso o crepúsculo, e assim pode nos trazer a informação do porquê de se utilizar o seu sangue. O entardecer, assim como o amanhecer e a noite, são os momentos em que este animal está ativo, o ocaso nos traz a interpretação de fim, morte, o momento em que a luz dá lugar às trevas, desta forma ambos os simbolismos nos trazem informações ligadas ao perecimento, contudo o sangue, segundo Manfred Lurker (1993) representa o elixir da vida, no pensamento cristão, deste modo a utilização do sangue, neste conjuro, está diretamente ligada a evocação de um novo ser, no caso, o cavalo.

A invocação declamada pelo conjurador é comum entre as práticas necromânticas, como dito anteriormente, o clérigo para conseguir o diálogo com as Entidades deve-se dirigir à Entidade suprema cristã - Deus - para obter aquilo que deseja, todas as palavras de segurança e adjetivos às ações estão ali justamente para aumentar as defesas entre o humano conjurador e a entidade concedente. O ato final de enterrar os objetos que o cavalo tem consigo, se deve ao objetivo de retirar quaisquer cargas supernaturais destes.

Em nossa pesquisa, utilizamos o BEP-849 não apenas catalogar a categoria do conjuro, mas também para classificar as Entidades, os Domínios à que elas pertencem e o seu Tipo, exemplificando: no conjuro de número 43 a entidade *Stelpha*, mesmo que não saibamos de qual cultura, ou suas características gerais, está ligada a invocação de um animal no mundo terreno, desta forma criamos no banco de dados o domínio Invocação, a Entidade estará ligada a este fator, contudo, como não sabemos seu Tipo, isto é, se é um

Demônio cristão, *Djinn* ou Entidade Germânica, ela estará com o Tipo “Desconhecido”, até possuímos informações acerca da mesma. Futuramente catalogaremos, também, cada um dos elementos que compõem a conjuração e o que isto pode estar relacionado com o resultado ou Entidade, por exemplo, quais são as ligações entre “não fazer o sinal da cruz” e “colocar primeiro o pé esquerdo no estribo” com *Tuditha* e o domínio da Invocação?

Considerações Finais

A necromancia medieval foi uma prática mágica em que se visa a imposição de vontades humanas à Entidades, sob a ordem da entidade máxima cristã – Deus. Seus praticantes, os clérigos, transparecem sua formação e conhecimentos nos conjuros produzidos por e para este conjunto de pessoas denominados de necromantes. Desta forma, elencamos como uma das principais hipóteses para o manuscrito BSB Clm 849 a autoria de mais de um escrevente, percebemos a existência de nuances perceptíveis na escrita dos conjuros 17 e 43. Contudo esta suposição não se deve apenas a estas diferenças paleográficas, segundo Kieckhefer (1997) os praticantes da necromancia eram um seletivo grupo que deveria ser iniciado nas artes ocultas. Sendo assim cremos que, possivelmente, o conjuro de número 43 poderia ser uma “passagem a limpo” de um noviço necromante, para seu próprio aprendizado, por isso a semelhança completa entre estes dois conjuros dentro do manual. Aliado a estas informações, podemos compreender que os “fins” da Idade Média não foram um momento de estagnação e medo no mundo letrado, havia um intercâmbio cultural de proporções seculares - quando analisamos no âmbito das práticas e representações

Referências Bibliográficas

BAILEY, Michael D. **The age of Magicians**: Periodization in the History of European Magic. Iowa: Magic, Ritual and Witchcraft, 2008.

BARROS, José D'Assunção. **A Nova História Cultural**: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. Belo Horizonte: Cadernos de História, v.12, n.16, 2011.

BERGSTROM, Lisa A. **Nigromacy in the Later Middle Ages**. Inquires Journal, 2011.

BOUREAU, Alain. **Satã Herético**: O nascimento da demonologia na Europa medieval (1260-1350). Campinas, SP, Editora da Unicamp. 2016.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2a ed, 2008

CHARDONNENS, László. **Necromancing Theurgic Magic**. Nijmegen: Magic, Ritual and Witchcraft, 2015.

CHARTIER, Roger. **À beira da Falésia**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Centauro, 2005.

FANGER, Claire. **Magic in the Middle Ages**. IN: HANEGRAAFF, Wouter J. ;FAIVRE, Antoine; BROEK, Roelof; BRACH, Jean - Pierre. **Dictionary of Gnosis & Western Esoterism**. Holanda: Brill, 2006.

GARIN, Eugenio. **Idade Média e Renascimento**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

HORTON, Denise. **Devil Worship in the Middle Ages**, In <http://www.loyno.edu/~history/journal/1986-7/horton.htm> consultado em 12/08/2017.

HUNT, Lynn. **A nova História cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KIECKHEFER, Richard. **Forbidden Rites**. Pensilvania: The Pennsylvania state university press, 1997.

KIECKHEFER, Richard. **Magic in the Middle Ages**. Cambridge: Cambridge university press, 1990.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (Coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário Medieval**. Portugal: Estampa, 1994.

LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993. - (Série dicionários).

MATOSO, José. **A necromancia na Idade Média**. Lisboa: Humanitas - vol. L, 1998.

MINOIS, Georges. **Historia de los Infiernos**. Barcelona, Paidós Ibérica S.A, 2005, pp. 255-288.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão**. 2 ed. Bauru, SP: EDUSC. 2002, pp. 41-101

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na História**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

SILVA, Marilda Santana da; RODRIGUES, Ana Célia. **História, Arquivos & Mídias Digitais**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, p. 57-72, 2013

RUSSEL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: O Diabo na Idade Média**. São Paulo, Madras, 2003, pp. 87-121.

WOLFF, Philippe. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Novos Tempos?**
1988.